

**DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA EM CRIANÇAS DISLÉXICAS E
NÃO-DISLÉXICAS**

Mônica Hogetop¹

RESUMO

Este trabalho tem com objetivo discutir as diferenças e semelhanças entre as crianças disléxicas e as não-disléxicas, através dos conceitos e estudos realizados no campo da Psicologia Cognitiva no que diz respeito a dislexia. Os principais autores utilizados são Salles e Parente (2006), Shaywitz (2006) e Ellis (1995) entre outros. O estudo tem como foco as dificuldades de leitura e escrita apresentadas por crianças em processo de alfabetização. A partir da distinção entre crianças disléxicas e as demais crianças é possível discutir também prováveis fatores de influência para o surgimento da dislexia. Algumas controvérsias giram em torno de hipóteses, tais como, a possibilidade de todas as crianças apresentarem dificuldades de leitura e escrita no processo de alfabetização e não apenas as crianças disléxicas, e a hipótese da diferença entre as crianças disléxicas e as não-disléxicas possuir um caráter quantitativo ou qualitativo. Ainda não existem respostas fechadas para estas questões, mas através das pesquisas realizadas podemos alcançar um patamar mais alto de conhecimento, principalmente para atuação no âmbito da educação.

Palavras-chave: Dislexia. Dificuldades de leitura e escrita. Abordagem cognitiva. Alfabetização.

INTRODUÇÃO

As dificuldades de leitura e escrita em crianças é tema de interesse multidisciplinar, nos meios educacionais, acadêmicos e clínicos. Este trabalho tem como foco o desempenho em leitura no âmbito educacional, visando identificar as semelhanças e

diferenças entre as crianças disléxicas e as não disléxicas. Quando uma criança ingressa na escola, sua primeira tarefa explícita é aprender a ler e a escrever. A criança então se torna o centro das expectativas de pais e professores no que diz respeito a alfabetização. Não se pode desconsiderar no entanto, o fato de que a leitura e a escrita exigem da criança a atenção a aspectos da linguagem ao quais ela não precisava dar importância antes do momento em que começa a aprender a ler. A partir disso, surge a hipótese de que todas as crianças encontram alguma dificuldade na aprendizagem de leitura e de escrita, na medida em que são exigidas delas novas habilidades, que não faziam parte de sua vida diária. Segundo Nunes, Buarque e Bryant (2001), a criança, ao aprender a ler, precisa começar a concentrar-se no fato de que a linguagem falada consiste de palavras e sentenças separadas. É necessário que ela descubra, também, que as palavras e as sentenças escritas correspondem a essas unidades de fala. Ainda, segundo Bryant (2001), uma outra habilidade nova que a alfabetização requer da criança é a necessidade de tomar consciência dos fonemas, o que, até o momento da alfabetização, não foi importante para as habilidades lingüísticas da criança.

A leitura pode ser estudada sob vários aspectos: sociocultural, afetivo, pedagógico e cognitivo. Este estudo baseia-se na abordagem cognitiva da leitura, tendo como aporte teórico a Psicologia Cognitiva e seus estudiosos. Nessa abordagem cognitiva, a leitura e a escrita são atividades complexas compostas por múltiplos processos interdependentes (SALLLES e PARENTE, 2002).

DIFERENÇAS ENTRE AS CRIANÇAS DISLÉXICAS E AS DEMAIS CRIANÇAS

No processo de alfabetização, algumas crianças se saem melhor e outras pior do que pais e professores esperam delas, a partir do seu nível intelectual. As crianças disléxicas pertencem ao grupo de crianças cujas dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita são muito maiores do que seria esperado a partir do seu nível intelectual. Essas crianças, embora com as mesmas oportunidades que as outras crianças têm para aprender a ler, recebendo motivação adequada, pais que apóiam suficientemente, e capacidades

intelectuais normais, ou até acima do normal, mostram progresso na alfabetização surpreendentemente mais lento do que os seus colegas da mesma idade e do mesmo nível intelectual (NUNES, BUARQUE e BRYANT, 2001).

Apesar das diferentes terminologias propostas para as dificuldades de leitura em crianças, vários autores as denominam de dislexias de desenvolvimento. Na perspectiva de Sternberg e Grigorenko (2003) apud Salles e Parente (2006), as dificuldades de leitura e escrita são decorrentes de uma interação entre fatores biológicos, cognitivos e sociais. Quando pensamos nas crianças disléxicas dessa forma, parece-nos provável que a diferença entre as crianças disléxicas e as outras crianças seja quantitativa. A questão sobre a natureza quantitativa ou qualitativa das diferenças entre as crianças disléxicas e as demais crianças é uma das questões básicas e mais importantes para a compreensão da dislexia. Se as diferenças forem quantitativas, as crianças disléxicas simplesmente precisam de mais horas de ensino. Por outro lado, se existirem diferenças qualitativas entre as crianças disléxicas e as outras crianças, os métodos de ensino serão radicalmente diferentes daqueles efetivos para as outras crianças. Atualmente essa hipótese está sendo desenvolvida por vários estudos em andamento.

Uma das questões mais importantes estudadas no campo da dislexia é a relação entre bons e maus leitores: há um *continuum* ou são dois grupos distintos?

A concepção da dislexia como doença é sustentada pelas diferenças qualitativas entre as crianças disléxicas e as demais crianças. Para Nunes, Buarque e Bryant (2001), se a dislexia for uma condição semelhante à doença, os padrões normais de variação nas habilidades de leitura deveriam ser perturbados. O importante para a questão de diferenças quantitativas e qualitativas é, então, examinarmos a distribuição das discrepâncias entre desempenho esperado e desempenho observado.

Segundo Shaywitz (2006), embora a fala e a leitura dependam da mesma partícula, o fonema, há uma diferença fundamental: falar é natural e ler não é. Ler é algo que se adquire, uma invenção do homem que se deve aprender em nível consciente. No processo de aquisição da habilidade de leitura, os leitores iniciantes devem aprender como decifrar o que está impresso, como converter uma gama de símbolos sem significado, de forma que o código fonológico seja reconhecido.

ESTÁGIOS NA AQUISIÇÃO DA HABILIDADE DE LEITURA EM CRIANÇAS TÍPICAS E CRIANÇAS DISLÉXICAS

Alguns relatos sobre o desenvolvimento da leitura poderiam levar-nos a crer que as crianças que estão aprendendo a ler passam por uma série identificável de estágios distintos na aquisição da habilidade de leitura, assim como os psicólogos e lingüistas descrevem como as crianças aprendem a falar seguindo um conjunto de estágios também distintos. Segundo Ellis(1995), no primeiro estágio de desenvolvimento da leitura, as palavras escritas são identificadas puramente com base em sua aparência visual. Sem qualquer compreensão das correspondências entre letras-sons, as crianças nesse estágio não podem "destrinchar" as palavras não-familiares que encontram. Tudo o que conseguem fazer é "adivinhar".

A criança típica não passará muito tempo no primeiro estágio, logo, perceberá ou aprenderá que a ortografia das palavras apresenta algum relacionamento com seus sons, em outras palavras, começará a adquirir uma consciência fonológica. Portanto, segundo Ellis (1995), a criança possuidora de alguma habilidade fonética para a leitura é um leitor muito mais independente do que aquele sem uma conscientização fonológica e poderá fazer uma combinação de fonética e contexto, registrando palavras não-familiares no léxico de *input* visual, identificando-as como palavras familiares, e daí por diante. Essa espécie de explicação, baseada em estágios de desenvolvimento da leitura, é uma questão polêmica entre os lingüistas até hoje.

Para Shaywitz (2006), o primeiro sinal indicativo da dislexia pode ser um *atraso na fala*. Embora o atraso ao falar possa ser de ordem familiar, a dislexia também o é. Um atraso aparentemente inocente na fala (em geral as crianças dizem suas primeiras palavras por volta de um ano e suas primeiras frases por volta de 1 ano e seis meses a 2 anos) pode ser um sinal precoce de um futuro problema de leitura, especialmente em uma família que tem um histórico de dislexia. Outro sinal precoce da dislexia pode ser quando a criança começa a falar e encontra dificuldades na pronúncia, às vezes chamada de "conversa de bebês", que continuam além do tempo normal.

Segundo Ellis (1995), déficits em toda uma lista de habilidades cognitivas, incluindo processamento visual, conscientização fonológica e memória de curto-prazo, têm

sido propostos como o déficit fundamental na dislexia. Muitos psicólogos que trabalharam com crianças disléxicas chegaram à conclusão de que os disléxicos não são todos iguais. Partindo da hipótese de que a leitura e a escrita são habilidades com múltiplos componentes, tais como, identificação de letras, reconhecimento e produção de palavras, acesso semântico, e assim por diante, poderíamos indagar se os disléxicos diferem no grau de deficiência em cada uma dessas sub-habilidades.

DISLEXIA DE DESENVOLVIMENTO E DISLEXIA ADQUIRIDA

Há outros distúrbios que podem interferir na leitura. A dislexia é diferente deles por causa da natureza única e fechada de deficiência fonológica, que não interfere em outros domínios lingüísticos, ou de raciocínio. Na *dislexia do desenvolvimento*, a deficiência fonológica ocupa posição principal, estando os outros componentes da linguagem intactos, e a dificuldade de leitura está no nível da decodificação das palavras individuais, inicialmente com precisão e depois com fluência. A inteligência não é afetada e pode estar na faixa superior ou superdotada. O distúrbio está presente desde o nascimento, não sendo adquirido (SHAYWITZ, 2006).

Um outro tipo de dislexia é a *dislexia adquirida*, cuja maior parte das pesquisas foi realizada a partir de meados da década de 70. Estas dislexias surgem como uma consequência de danos cerebrais. Quando os neuropsicólogos cognitivos investigam a dislexia adquirida, sua abordagem não é tanto perguntar que parte do cérebro está danificada, em que foram de transtorno de leitura, mas indagar que parte ou partes do processo normal de leitura foram danificadas ou perdidas (ELLIS, 1995). Existe uma suposição geral de que algo na conformação biológica dos disléxicos torna-os o que são. Se um grupo de crianças tem uma boa inteligência geral, visão e audição adequadas, lares e escolarização apropriados e nenhum bloqueio emocional aparente, surge a hipótese de que existe algo para retardar sua aprendizagem, isto é, uma fragilidade nascida com esses indivíduos. Ainda segundo Ellis (1995), o resultado é uma criança com habilidades cognitivas razoavelmente boas, mas uma fragilidade em um determinado aspecto da linguagem, crucial para a aquisição da leitura e escrita.

Um dos mais frequentes equívocos é o de que a criança disléxica vê as letras e as palavras de trás para frente e que escrever de maneira invertida é um sinal disso. Na verdade o que está provado é que as crianças acham problemático nomear as palavras com precisão, e não copiá-las. Outro equívoco parecido é dizer que as crianças disléxicas escrevem como se estivessem diante de um espelho, o que na verdade são procedimentos comuns nos primeiros estágios do desenvolvimento da escrita entre crianças disléxicas e as não-disléxicas. Segundo a pesquisa da equipe de Morris (1998), citada por Shaywitz (2006), quaisquer que sejam os subgrupos de crianças com dislexia, está claro que a vasta maioria da população de disléxicos compartilha uma deficiência fonológica (cerca de 88%). Muitas pessoas confundem outros transtornos com a dislexia, como por exemplo, o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) e a deficiência de aprendizagem da linguagem. O TDAH é um problema que reflete dificuldades para distribuir, focar e sustentar a atenção, enquanto que a dislexia é uma disfunção cuja base é a linguagem e que afeta a leitura. Na deficiência de aprendizagem da linguagem, segundo Shaywitz (2006), o principal déficit envolve todos os aspectos da linguagem, incluindo tanto os sons quanto os significados das palavras. A dificuldade da leitura está no nível tanto da decodificação quanto da compreensão, e as dificuldades de linguagem de todos os tipos são evidentes. Os índices de inteligência verbal são significativamente afetados pelos déficits de linguagem, e a inteligência pode estar em nível de inferior à média. As pessoas nascem com o problema.

ESTRATÉGIAS DE LEITURA/ESCRITA EM CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA

Segundo Salles e Parente (2006), as dificuldades específicas de leitura ou dislexias de desenvolvimento são caracterizadas por problemas significantes no reconhecimento de palavras em crianças que apresentam inteligência média, fluência na língua materna, nenhum déficit sensorial primário ou problemas emocionais. Na abordagem cognitiva, o reconhecimento e a produção de palavras escritas em um sistema alfabético de escrita pode ocorrer por meio de um processo visual (rota lexical) ou através de um processo envolvendo mediação fonológica (rota fonológica), conforme os modelos de leitura e de

escrita de Dupla-Rota (ELLIS e YOUNG, 1988; ELLIS, 1995). A questão crucial para a Neuropsicologia Cognitiva é que, no estudo da aquisição das rotas do modelo de Dupla-Rota, são encontradas crianças que estão adquirindo a rota lexical muito melhor que a fonológica, e, por outro lado, crianças com o perfil oposto. Tendo em vista essa diferença entre os perfis das crianças disléxicas e das não-disléxicas, pode-se afirmar que as crianças disléxicas têm de lidar com obstáculos que, normalmente, não afetam as outras crianças na alfabetização, e portanto utilizam estratégias de leitura específicas.

Questões ainda controversas na literatura giram em torno dos fatores neuropsicológicos associados ou relacionados às dificuldades de leitura e escrita e da natureza dessas dificuldades, seja atraso ou desvio de desenvolvimento (SALLES e PARENTE, 2006). Frith (1997) apud Salles e Parente (2006) propõe um modelo causal da dislexia centrado no déficit, no processamento fonológico (nível cognitivo-lingüístico), manifestado pelo baixo desempenho em tarefas de consciência fonológica, memória fonológica e nomeação rápida.

Grande parte dos estudos disponíveis compara o desempenho de crianças disléxicas ao de leitores competentes de mesma idade cronológica. Entretanto, existem autores que criticam os estudos que apenas comparam disléxicos e bons leitores de mesma idade cronológica, pois existe a possibilidade de as diferenças entre os grupos de mesma idade serem consequência e não causa das dificuldades de leitura e escrita, na medida em que as crianças que vão bem na escola tendem a ser mais estimuladas e desafiadas a progredir, enquanto que aquelas que apresentam dificuldades tendem a ser menos exigidas (SALLES e PARENTE, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de algumas hipóteses no que diz respeito às dificuldades de leitura e escrita estarem em aberto, ou seja, não existirem respostas fechadas para as mesmas, as pesquisas em andamento provam que existem muitas diferenças em nível cognitivo entre as crianças em processo de alfabetização. Tanto entre as crianças típicas e as crianças disléxicas quanto entre as crianças disléxicas entre si, as diferenças individuais nos mostram que o

desempenho em leitura e escrita é bastante variável. A partir dos anos 70, diversos estudos mostraram que as habilidades metalingüísticas parecem primordiais no acesso à escrita e revelam-se associadas a maior ou menor eficácia na aprendizagem da leitura e da escrita. Sendo assim, o domínio pleno da leitura e da escrita exigem conhecimentos claros de diversos aspectos da linguagem e supõe uma tomada de consciência das características formais da linguagem (p.ex.: estrutura fonêmica, estrutura sintática)(GUIMARÃES, 2003)

Há crianças cujo progresso na alfabetização é muito melhor do que o esperado a partir de sua inteligência, e aquelas, as disléxicas, cujas dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita são muito maiores do que se esperaria a partir do seu nível intelectual. Uma das hipóteses neurológicas mais importantes na história das concepções de dislexia, segundo Orton apud Bryant (2001), como explicação básica da dislexia é uma ausência de dominância cerebral, isto é, o controle do comportamento lingüístico pelo hemisfério esquerdo. No entanto, a análise comparativa do desenvolvimento nos processos de escrita e leitura não mostra a existência de estágios diferentes nessa evolução para as crianças disléxicas e as outras crianças. O que fica claramente documentado por essa análise é que as crianças disléxicas chegam ao estágio alfabético, mas continuam enfrentando dificuldades na realização da análise fonológica, o que resulta, na escrita, em erros por troca e omissão de letras com maior frequência do que se observa em outras crianças. (BRYANT, 2001)

TITLE

ABSTRACT

This work has as its objective to discuss the similarities and differences between dyslexic and not dyslexic children, through the concepts and studies accomplished in the Cognitive Psychology field concerning dyslexia. The main authors studied are Salles and Parente (2006), Shaywitz(2006) and Ellis (1995) among others. The study has as its focus the reading and writing disabilities in children going through the literacy process. From the distinction between dyslexic children and the others on, it's also possible to discuss

probable factors of influence for the appearance of dyslexia. Some controversies go around hypotheses, such as, the possibility of all children showing difficulties in reading and writing in the process of literacy and not only the dyslexic children, and the hypothesis of the difference between dyslexic and not dyslexic children having a quantitative or qualitative feature. There are not closed answers for this questions yet, but through the research done we can reach a higher level of knowledge, specially for acting in the education field.

Keywords: Dyslexia. Difficulties of reading and writing. Cognitive approach. Literacy.

NOTAS

¹ Mestranda em Letras.

REFERÊNCIAS

ELLIS, A. W. *Leitura , escrita e dislexia: uma análise cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GUIMARÃES, S.R.K. Dificuldades no desenvolvimento da lectoescrita: o papel das habilidades metalingüísticas. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília. Jan./Abr. 2003, v.19, n.1, p 33-45.

NUNES, T.; BUARQUE L.; BRYANT, P. *Dificuldades na aprendizagem da leitura: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2003.

SALLES, J.F.; PARENTE, M.A.M.P. *Processos Cognitivos na leitura de palavras em crianças: relações com compreensão e tempo de leitura*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*,2002, 15(2), p.321-331.

SALLES,J. F.; PARENTE,M.A .M P. Funções neuropsicológicas em crianças com dificuldades de leitura e escrita. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Maio/Ago. 2006, vol.22 n.2, p.153-162.

SALLES,J.F.;PARENTE,M.A.M.P. Heterogeneidade nas estratégias de leitura/escrita em crianças com dificuldades de leitura e escrita. PSICO, Porto Alegre,PUCRS, v.37,n.1, p.83-90, jan./abr.2006.